

Enquadramento social da lexicultura na democratização da gestão escolar e qualidade da educação no Uíge em Angola¹

Quibongue Mudiambo *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0002-8302-2637>

RESUMO

A presença colonial de Portugal no mundo e em África, em particular, deixou marcas que se consubstanciaram numa vasta herança linguística, dando hoje espaço para um longo e aceso debate à volta do seu impacto presente e futuro nas respectivas nações. A preocupação em encontrar um espaço comum de debate político, económico e sociocultural teve como principal alicerce o fato incontestável de os países visados terem escolhido a língua do antigo colonizador como sua língua oficial. *Este fato* teve o impacto e a designação de mais consensos entre os demais pensadores espalhados pelo mundo inteiro, não obstante aparecerem, por vezes, outras ideias. Falar do processo de ensino-aprendizagem no contexto africano em geral e no caso angolano em particular leva-nos a estabelecer uma análise diacrônica e sincrônica à volta da forma como a língua portuguesa chegou ao nosso continente e neste caso concreto em Angola. Quando chegaram os primeiros colonizadores na foz do rio Zaire no nosso país, estes encontraram um povo organizado com a sua própria cultura, tinha a sua visão específica do mundo, que manifestava o seu *modo de vida* com os seus atos culturais, crenças religiosas de base, meramente, africana, entre outros aspetos. Estes povos tinham formas próprias de estabelecer a comunicação entre si, através das suas línguas, de origem *bantu*. Com isto, o enquadramento social da lexicultura na democratização da gestão escolar e qualidade da educação visa esclarecer **os passos adequados** do ensino-aprendizagem do português com as diferentes línguas nacionais dos nossos alunos para o sucesso deste processo.

PALAVRAS-CHAVE

Léxico; Cultura; Compreensão.

Cadre social de la lexiculture dans la démocratisation de la gestion scolaire et la qualité de l'éducation a Uíge en Angola

RÉSUMÉ

La présence coloniale du Portugal dans le monde et en Afrique, en particulier, a laissé des traces qui se sont incarnées dans un vaste patrimoine linguistique, laissant place aujourd'hui à un débat long et houleux autour de son impact présent et futur sur les nations respectives. Le souci de trouver un espace commun de débat politique, économique et socioculturel reposait sur le fait indéniable que les pays ciblés avaient choisi la langue de l'ancien colonisateur comme langue officielle. Ce fait a eu l'impact et la désignation de plus de consensus parmi les autres penseurs répandus dans le monde entier, malgré l'apparition, parfois, d'autres idées. Parler du processus d'enseignement-apprentissage dans le contexte africain en général et dans le cas angolais en particulier nous amène à établir une analyse diachronique et synchronique autour de la manière dont la langue portugaise est arrivée sur notre continent et dans ce cas spécifique l'Angola. Lorsque les premiers colons sont arrivés à l'embouchure du fleuve Zaïre dans notre pays, ils ont trouvé un peuple organisé avec leur propre culture, ils avaient leur vision spécifique du monde, qui manifestait leur mode de vie par leurs actes culturels, des croyances religieuses de base purement Africain, entre autres aspects. Ces peuples avaient leurs propres manières d'établir la

* Doutorado em Linguística: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, Portugal. Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências de Educação-ISCED/Uíge em Angola no Departamento de Letras Modernas e Ciências Sociais. E-mail: kmudj@yahoo.com.br

communication entre eux, à travers leurs langues, d'origine bantoue. Avec cela, le cadre social de la lexiculture dans la démocratisation de la gestion scolaire et de la qualité de l'éducation vise à clarifier les étapes appropriées de l'enseignement et de l'apprentissage du portugais avec les différentes langues nationales de nos élèves pour la réussite de ce processus.

MOTS-CLÉS:

Lexique; Culture; Entente

Ntadilu ya mambu ma kinkulu muna ndiatisilu ambote ye ntomeseno ya mambu ma lulongoko omu Uíge muna Angola

LUKUFU

Emboneka ya bunduni ya nsi a Mputu o munza yo mu Afrika, ya sisa sinsu yina yimonekanga muna landila kwa ndinga, kadi o mulumbu kia wunu mumonekanga kaka endandilu e zozo muna nsi zawonso. E diambu dia nene idia sosa e fulu kiantwadi muna zingu ya bantu muna luyalu, muna umvwama ye muna kinkulu, kadi e nsi ezozo bakala ba bangama muna sola nkia ndinga ya sadila o mu nsi zawu. E diodio diambu diakala dia mpasi, kansi basola kaka e ndinga ya bunduni. Muna vovela o mambu ma lulongoki omu Afrika ya mvimba, kamusungula ko e Ngola dikutunatanga muna gindula mana mavioka ye mana ma vanguanga tuka muna kialwakila e ndinga ya mputuki omu Ngola, tuka kuna kwa bwila o maza ma nkoko wa Nzadi kuna m'bu. Emputuki bawana nkangu wa toma kubama muna zingu kiawu kiawonso. Idianu vo e ntadilu ya mambu ma kinkulu muna ndiatisilu ambote ye ntomeseno ya mambu ma lulongoko yi zolele songela enzila zambote za longela yo longokela e mputu ye ndinga zeto mpasi vo a yan'eto batoma longoka.

MAMBU MAMFUNU

Diambu; Kinkulu; Mbakisilu



Introdução

Neste artigo, gostaríamos de tratar como assunto principal a compreensão da comunicação no processo de ensino-aprendizagem entre alunos e professores, para uma melhor assimilação do que se ensina por parte dos alunos. É assim que colocamos como problema desta apresentação: Como resolver a dificuldade existente no processo de ensino-aprendizagem na transmissão dos conhecimentos dos professores para os alunos. Por esta razão, avançamos como possíveis hipóteses na resolução deste problema: É possível que os professores conheçam as realidades linguísticas dos seus alunos. É provável que os alunos aprendam a estrutura básica das suas línguas maternas.

A educação em Angola, meu querido país, tem de ser repensada diariamente e em todas as dimensões, pois que os resultados colhidos, em todos os campos sociais, não satisfazem parcial ou completamente o seu destinatário, o povo em geral. É a partir deste pressuposto que deveriam ser tomadas todas as iniciativas positivas para a inversão obrigatória deste cenário. Com isto queria dizer que há pontos de partida, focais ou essenciais, que nunca devem ser esquecidos partindo essencialmente da **matriz social**, onde se encaixam muito bem a **lexicultura** e a **educação**.

Nós entendemos por matriz social de alguém (aluno ou estudante) a sua camada social de origem, que lhe vai servir de base para o seu futuro enquadramento social. Lexicultura, como veremos, um pouco mais tarde, é a junção do conjunto de palavras deste alguém com os seus hábitos, comportamentos e tudo o que lhe caracteriza. Educação é o comportamento inicial a partir do leite materno e que se completa no meio escolar.

Este estudo delimitou-se no Instituto Superior de Ciências de Educação ISCED/Uíge-Angola, no 2º Ano da opção de Ensino de Língua Portuguesa. Dentro da nossa linha de investigação, como professor do Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas, escolhi como tema no I Simpósio da nossa instituição, o que justifica a atenção e preocupação que sinto diariamente neste campo do saber: Enquadramento social da Lexicultura na democratização da gestão escolar e qualidade da educação.

Assim sendo para uma harmonização eficiente do tema apresentamos os seguintes objetivos gerais: Dar a conhecer as vias necessárias para se ultrapassar as dificuldades de compreensão da comunicação no processo de ensino-aprendizagem entre alunos e professores. Como Específicos, a pesquisa visa Conhecer a estrutura funcional da língua portuguesa, apresentando os diversos impasses na transmissão de conhecimentos dos professores para os alunos e vice-versa; Propor mecanismos e exercícios que visam facilitar o ensino-aprendizagem da aplicação de gramática nas aulas de Língua Portuguesa para se evitem certos atropelos.

Para grande questão do problema da pesquisa, colocamos a seguinte pergunta: Como enquadrar socialmente a lexicultura na democratização da gestão escolar para a qualidade da educação no processo do ensino-aprendizagem do português com as diferentes línguas nacionais dos nossos alunos? A escolha deste tema baseou-se na experiência vivida ao longo das nossas tarefas laborais nesta escola. O número elevado de erros que temos estado a verificar no que concerne ao processo comunicativo, isto é, a falta de domínio das regras que regem a comunicação entre emissor e receptor. Fato que tem provocado aos alunos a repetição excessiva dos mesmos erros para referir uma mesma realidade dentro do processo em questão, quer quando escrevem quer quando falam.

Pensamos que o estudo relativo a esta temática poderá ajudar a comunidade escolar, de modo específico, a população em geral a aprofundarem os seus conhecimentos a respeito de alguns critérios combinatórios de unidades lexicais que consideramos importantes na cadeia discursiva falada ou escrita. Aos professores de Língua Portuguesa, consideramos que a presente pesquisa constitui uma ferramenta

didática que pode contribuir no desenvolvimento das principais competências linguísticas dos alunos, competência gramatical, competência lexical, competência comunicativa, e outras competências linguísticas que remetem à escrita de textos. Para uma descrição circunstanciada sobre o nosso tema, achamos por bem, subdividir o mesmo em cinco (5) seções que detalhadamente explicaremos: Formação do léxico português; Lexicultura; Neologismo e lexicultura; Democratização da gestão escolar e lexicultura e Qualidade da educação e exemplo prático. Atendendo a estrutura ora anunciada, descrevo a seguir alguns conceitos gerais das ideias fundamentais de cada seção.

1. Formação do léxico português

Porque partir do português em vez de uma das nossas línguas maternas?

Esta é a língua, em comparação com as outras nacionais, cuja estrutura conhecemos bem e que cada um de nós domina ou devia dominar. Dela partiríamos para as outras cujas estruturas dominamos muito pouco. Esta é a razão desta minha escolha pela língua portuguesa.

A história do léxico português, basicamente de origem latina, reflete a história da Língua Portuguesa e os contactos de seus falantes com as mais diversificadas realidades linguísticas, a partir do romano português. Esse acervo apresenta um núcleo de base latina popular, resultante da assimilação e das transformações do latim pelas populações nativas ibéricas, complementado por contribuições pré-românicas e pós-românticas. Além desse núcleo, é imensa a participação de muitos campos a outras línguas (empréstimos culturais) e ao próprio latim (termos eruditos tomados do latim clássico a partir do século XVI). Foram os termos populares que deram feição ao léxico português, quer na sua estrutura fonológica, quer na sua estrutura morfológica. Mesmo no caso de empréstimos de outras línguas, foi o padrão popular que determinou essas estruturas.

O vocabulário fundamental do português é formado sobretudo de palavras latinas. Esse fundo românico usado na conversação diária constitui, assim, a grande camada na formação do léxico português (cf. Serafim da Silva Neto, 1979: 48). Dentro da contribuição pré-românica, na camada de base onde se destacam vocábulos de várias ordens (cf. Serafim da Silva Neto, 1979: 48). A contribuição pós-românica, na camada superficial, que “compreende palavras de origem germânica do século V, época das invasões. (São exemplos nomes como Rodrigo, Godofredo, guerra, elmo, trégua, arauto e verbos como esgrimir, brandir, roubar, escarnecer)” (*Ibidem*).

Apesar de não impor religião e língua, ao conquistarem a Península Ibérica, “os árabes deixaram marcas no léxico português e com a camada de dentro, as palavras de origem árabe correntes em português referem-se a muitos nomes (de plantas, de alimentos, de ofícios, de instrumentos musicais e agrícolas, alface, algodão, álcool, xarope, almôndega, alfaiate, alaúde, alicate)” (*Ibidem*). Quanto aos empréstimos culturais, ou seja, os que decorrem de intercâmbio cultural, há no léxico português, influências diversas de acordo com as épocas.

A expansão portuguesa na Ásia e na África foi mais uma fonte de empréstimos. “São de origem asiática e africana muitas palavras (azul, bambu, beringela, chá, jangada, leque, laranja, tafetá, tulipa, turbante... e angu, batuque, berimbau, cachimbo, engambelar, marimbondo, moleque, quitanda, quitute, samba, senzala, vatapá...)” (*Ibidem*). Em virtude de relações políticas, culturais, comerciais com outros países, é natural que o léxico português tenha recebido (e continue a receber) empréstimos de outras línguas modernas. Assim, incorporaram-se palavras provenientes do inglês, do italiano, do alemão, kikongo. Nos tempos atuais, o inglês tem servido de fonte de inúmeros empréstimos, sobretudo nas áreas técnicas, o que demonstra a estreita ligação que o processo de mudança linguística tem com a história sócio-política-cultural de um povo.

O nosso aluno, de hoje, precisa saber os principais objetivos e fundamentos teóricos de cada área do saber, não é necessário que saiba todas as especificidades. Na Morfologia flexional e derivacional, por exemplo, devia saber-se o que diferencia uma da outra, quais são as suas características e aplicações, aqui sim seria muito importante estudar as especificidades flexionais.

O **léxico** é tido sempre como o conjunto de palavras existentes na língua de uma determinada comunidade ou de um locutor, ele é ilimitado e permanentemente aberto, pois surgem constantemente novas palavras, que podem ser oriundas do mesmo léxico ou importadas à língua. É o caso concreto da formação de palavras. O locutor ativo e atento aporta somente uma parte do léxico disponível na língua, em função do grupo social ou profissional destinatário em que se integra o seu discurso. A utilização mais alargada e concreta do léxico fica dependente do nível intelectual, social e artístico do seu interlocutor. (cf. M. T. Lino, 2003).

2. Lexicultura

O conceito de lexicultura ou pragmática lexicultural (1999), introduzido por Galisson, pretende dar conta da **relação língua e cultura** (s). “A língua prática social e produto sociocultural está penetrada de cultura, havendo palavras meio carregadas culturalmente do que outras” (Ançã, M. H., 2002: 19). Entende-se por cultura partilhada aquela “imediatamente reconhecida pelos falantes nativos e funcionando como denominador comum numa coletividade com a mesma identidade social e cultural” (*Ibidem*).

Um determinadas marcas remetem para a cultura materna, para a cultura segunda e para um espaço misto onde ambas as culturas se tocam e se cruzam. O léxico aparece, com efeito, como meio privilegiado de aceder à cultura (cf. *Ibidem*). A partir do pressuposto da indissociabilidade entre as dimensões linguísticas e culturais no ensino-aprendizagem, propõe-se a associação obrigatória entre léxico e cultura como um modo de garantir o acesso do aprendente à cultura implícita no quotidiano da própria língua ou doutra língua estrangeira.

Desse modo, as características específicas de cada língua podem ser consideradas o reflexo da identidade cultural da sociedade. A esse respeito, todo o sistema linguístico manifesta, tanto no léxico quanto na gramática, uma classificação específica de fatos culturais, ou seja: “uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e dessa cultura com que ela se conjuga”. (Barbosa, L. M. de A., 2001: 32).

Há entendidos que assinalam o fato de que a palavra é um instrumento de compreensão social, pois funciona como símbolos com os quais agimos sobre nossas ideias. Nesse sentido, o léxico auxilia-nos a compreender e a explicar a sociedade da qual fazemos parte ou à qual pretendemos aceder. Sob essa perspectiva, a Lexicologia está, segundo o autor, muito próxima da Sociologia, pois o estudo desses dois domínios incide sobre fatos sociais. O que os distingue é o fato de que a Lexicologia parte do estudo do vocabulário para explicar uma sociedade, ou seja, ela é uma disciplina sociológica que utiliza, como material linguístico, as palavras: A lexicultura é muitas vezes encarada como a cultura do quotidiano através do léxico. A respeito desse conjunto de palavras, Galisson, Robert (1987) propõe-nos o conceito de:

lexicultura, enquanto um modo de acesso ao estudo do léxico culturalmente marcado. Entre outros aspectos, a lexicultura mostra-nos a

singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada numa língua, pois, sabemos que o léxico é o nível de descrição linguística mais directamente ligado à realidade extralinguística.

A partir dessa composição, o conceito de lexicultura privilegia a consubstancialidade do léxico e da cultura e designa o valor que as palavras adquirem pelo uso que se faz delas. Lino, M. T., (2003: 20) ressalta a importância desse conceito tanto no seu nível teórico quanto no metodológico, uma vez que ele permite, por exemplo, “colocar em destaque as palavras, os provérbios, os ditados e expressões imaginais com conteúdos culturais compartilhados entre os membros de uma mesma comunidade linguística”. Trata-se, portanto, do estudo da cultura em qualquer discurso cujo objetivo não seja o de estudar a cultura por si mesma, pois, ao invés de isolar a cultura do seu meio natural, propõe-se a sua preservação no interior da sua própria dinâmica. O ponto de partida será o discurso do quotidiano que integra, associa e não separa os componentes da comunicação (cf. L. M. de A. Barbosa, 2001).

Dada a sua vocação voltada para a prática (e menos para a teoria), a Lexicultura é um conceito instrumental. Ao possuir, na sua concepção a cultura no e pelo léxico, ela faz do seu objeto de estudo um elemento para ação e para a intervenção, disponibilizando essa cultura ao alcance de todo o aprendente. (cf. R. Galisson, 1997).

Ao léxico marcado pela carga cultural, Galisson (1987) dá o nome de palavra com carga cultural compartilhada. Trata-se do valor acrescentado ao sentido referencial da palavra, que é conhecido e compartilhado entre os membros pertencentes a uma cultura e constitui fator de aproximação e de reconhecimento mútuo. A carga cultural compartilhada está mais próxima da cultura da experiência, da vivência e do quotidiano e mais distante da chamada cultura erudita, cultivada ou institucional. A diferença fundamental entre cultura quotidiana e cultura erudita é que a primeira se aprende na prática social e condiciona o que há de essencial em nossos comportamentos. Vista dessa perspectiva, a cultura quotidiana é quase imperceptível para falantes nativos, razão pela qual esse tipo de cultura não tem sido alvo de descrições. A cultura erudita, por sua vez, está presente nos livros e nos currículos escolares e, desse modo, pode ser ensinada tanto a falantes nativos quanto a falantes não-nativos.

3. Neologismo e Lexicultura

Toda e qualquer língua empresta certas unidades lexicais na sua interação com outras línguas. Os estrangeirismos têm as suas particularidades fonéticas e morfológicas

e entram na língua quando se conformam com o uso linguístico desta. O estrangeirismo designa todo o elemento proveniente duma outra língua, constituindo um neologismo.

Lino, M. T. (2003) afirma “Lexicultura, neologismo terminológico criado, nos finais da década de oitenta, designa os elementos de cultura presentes no léxico, quer no subsistema da língua corrente, quer nos subsistemas das línguas de especialidade”. O neologismo funcional enriquece o tratamento da lexicultura nas suas vertentes diversas.

4. Democratização da gestão escolar e Lexicultura

Democratização é a ação ou efeito de conduzir alguém à democracia que é, entre muitas definições, o sistema político cujas ações atendem aos interesses populares. Pode ser interpretada também como a parte da teoria do uso linguístico que estuda os princípios de cooperação que atuam no relacionamento linguístico entre o falante e o ouvinte. Permite que o ouvinte interprete o enunciado do seu interlocutor, levando em conta, além do significado literal, elementos da situação e a interação que o locutor teve ao proferi-lo. No caso exemplar de alguém afirmar: O senhor sabe que horas são? Pode ser interpretado como um pedido de informação, como um convite a que alguém se retire. (cf. António Houaiss 2003: 2949).

A gestão escolar é o ato ou efeito de gerir (bem) o processo escolar. Isto ajuda-nos a analisar o pragmático como todo aquele que contém considerações de ordem prática, modo de pensar prático, realista, objetivo, relativo para objetivos práticos. (cf. *Ibidem*). É nesta ordem de critérios que podíamos analisar a dimensão pragmática da Democratização da gestão escolar e a lexicultura. A partir daqui Fonseca, Fernanda Irene e Fonseca, Joaquim (1977: 99) especificam:

...a aula de Português é antes de tudo e sempre aula de língua. Trata-se de desenvolver e estruturar plenamente a competência comunicativa do aluno. Esta não pode restringir-se à competência gramatical, antes tem de alargar-se às dimensões pragmáticas. O objectivo é levar o aluno a usar melhor a língua, usar melhor não apenas como aperfeiçoamento de tipo estrutural, de correcção de estruturas e aquisição de estruturas novas, mas também e sobretudo como obtenção de plenitude da realização da adequação do acto verbal à situação de comunicação.

Eis uma verdadeira Democratização da gestão escolar e o enquadramento lógico da lexicultura e é ao professor que compete apresentar aos seus alunos a sistematização linguística, procurando levá-los a acreditar nesta verdade. É desta forma que ele demonstrará aos seus discentes a estrutura interna da língua, aproveitando as suas virtualidades ao exigir o cumprimento das suas regras na prática. Ele está encarregado de

transmitir todas as dimensões pragmáticas da língua, procurando, conscientemente, realizar todas as tarefas inerentes ao professor de língua como um autêntico professor de comunicação e da vida. (cf. F. I. Fonseca e Joaquim Fonseca, 1977: 101).

5. Qualidade da educação e exemplo prático

A metodologia aplicada neste artigo é a exposição, por ser matéria que é desconhecida por muitas pessoas. A metodologia segundo a versão de Marconi (2003:192), é realizada através de “um conjunto de atividades sistemáticas e racionais com maior economia e segurança permite alcançar objetivos, isto é, conhecimentos válidos e verdadeiros traçando o caminho a ser seguido, destacando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Portanto “a metodologia é um conjunto de métodos, procedimentos, técnicas e estratégias vinculadas a resolução de um determinado problema de pesquisa, no âmbito do ensino e aprendizagem, viabilizando uma eficácia conjunta de quem ensina e de quem aprende”. Praticamente falando, a partir deste último ponto do nosso desenvolvimento, pretendo demonstrar que resultado podem ser alcançados.

Tive a ousadia na minha investigação no fim do meu doutoramento de apresentar um modelo de um dicionário prático bilingue português-kikongo e vice-versa inicial, com a finalidade de ajudar a aprendizagem da língua portuguesa dos nossos alunos que têm como língua materna o kikongo, porque a maioria da população estudantil das classes por onde lecionamos ostenta como língua materna, uma das línguas nacionais de Angola. Entre elas, sendo uma província ao norte do país, o kikongo é a língua nacional predominante, o que faz dela a mais falada. Esta língua foi aprendida implicitamente no seio das famílias, sendo escrita aportuguesadamente, trazendo muitas consequências negativas no funcionamento linguístico escolar e social. Na minha visão, esta seria uma das maneiras práticas de melhorar a educação na nossa província em particular e no país em geral.

Em termos reais, seguem-se dez (10) exemplos, como modelo do funcionamento do dicionário que me propus confeccionar, com os nossos alunos, sem descurar a sua valiosa contribuição, (cf. Quibongue Mudiambo, 2014, p. 216):

1. **Abordar:** em português: v.tr., tratar dum assunto; em kikongo: **(ku) taluzula: kotaluzula** diambu. Exemplos: Sentido próprio: em português: abordamos este assunto com toda a serenidade. Em kikongo: Tutomene ta ediadi ediambu muna ziku kiawonso.

Sentido figurado: em português: Abordou o problema com sinceridade (ironicamente). Otele ediambu muna ziku kiawonsono (mu luvunu).

2. **Aceitar:** em português: v.tr., acatar uma ideia ou um assunto; em kikongo: **(ku) tonda yovo kwikila:** **(ku) tonda** diambu. Exemplos: Sentido próprio: em português: aceitamos este assunto com toda a serenidade. Em kikongo: Tutomene tonda ediadi ediamu muna ziku kiawonsono. Sentido figurado: em português: Aceitou o conselho do irmão mais velho (ironicamente). Otondele elongi dia mbutánda (mu luvunu).

3. **Acordar:** em português: v.tr., levantar alguém do sono; em kikongo: **(ku) sikamesa:** kusikamesa muntu ku tulu. Exemplos: Sentido próprio: em português: abordaram os outros muito cedo. Em kikongo: Asikamese akwawu siuka siuak. Sentido figurado: em português: Acordou todos os irmãos (ironicamente). Osikamese empangi zandi zawonso (mu luvunu).

4. **Admitir:** em português: v.tr., aceitar tudo; em kikongo: **(ku) kwikila, tonda: kwikila** mawonso omambu. Exemplos: Sentido próprio: em português: admitimos este assunto com toda a serenidade. Em kikongo: Tutomene kwikila ediadi ediamu muna ziku kiawonsono. Sentido figurado: em português: Admitiu que o faria com sinceridade (ironicamente). Katonda vo bosu kadi dio vanga muna ziku kiawonsono (mu luvunu).

5. **Água:** em português: s.f. líquido que serve para várias finalidades; em kikongo: **maza,** nkumbu ya lekwa kikukulanga ewina. Exemplos: Sentido próprio: em português: Bebo **água** porque tenho sede. Em kikongo: Ndwinu **maza** kadi vwina ngina diawu. Sentido figurado: em português: Vamos beber **água** (reunião particular). Em kikongo: Tu nwe o **maza** (vengama mukutikisa yovo mu kubika ngindu).

6. **Acordar:** em português: v. t. e int., levantar do sono; em kikongo: **(ku) sikama:** vangu divovelevo tuka kutulu. Exemplos: Sentido próprio: em português: **Acordamos** muito cedo. Em kikongo: Siuka **tusikamene**. Sentido figurado: **Acordem** jovens. (Sair do subdesenvolvimento). Em kikongo: **Lusikami** matoko (katuka mu bubi).

7. **Bom:** em português: adj. bif. m. s. ; em kikongo: (**kia**) **mbote**: nkadilu. Exemplos: Sentido próprio: em português: **Bom** aluno. Em kikongo: n'longoki **wambote**. Sentido figurado: **Bom** conselho (péssimo). Em kikongo: Longi **diambote** (diafwila).

8. **Baptizar:** em português: v.t./intr., lavar o pecado original; em kikongo: (**Ku**) **boteka** ovo (**ku**) **vunga**: sukula muntu mu katula sumu dia sina. Exemplos: Sentido próprio: O Frei Marino **baptizou** o Miguel no dia 4 de Outubro de 2004: Dia de S. Francisco de Assis. Em kikongo: Frei Marino **wa vunga** Miguel mulumbu kia ya kia ngonde ya Outubro ya 2004: Lumbu kia S. Francisco wa Assis. Sentido figurado: Este homem mau **batizou** o outro. (desviou-o). O ndioyo o muntu wa mbi **wa vungudi** o nkwa yandi. (Wa n'tekomone).

9. **Concordancia:** em português: s.f. acção ou efeito de aceitar o que é do outro; em kikongo: **tondazana yovo ngwizani**, nkumbu ya diambu dinanga vo dia kuditonta y'akweno. Exemplos: Sentido próprio: em português: Concordaram para uma excursão. Em kikongo: awizane muna kuenda akangadi. Sentido figurado: em português: Concordaram todos (traíram-se todos). Em kikongo: Awizane yawu wonsono (a ditekele).

10. **Convite:** em português: s.m. abst. / conc.; em kikongo: **Mboka**: divovele vo **tumiswa** mu kwenda ku nkinzi y evo...: Exemplos: Sentido próprio em português: **Convite** do casamento do Mudiambo. Em kikongo: **Mboka** ya longo Iwa Mudiambu. Sentido figurado: o **convite** do professor ao desistente. Em kikongo: **Mboka** ya n'longi kwa muntu wa tina.

Numa boa conversa entre dois amigos, ouvem-se constantemente graves erros de tradução literal, como se segue:

Kikongo: “**Otala kwaku e mputu yivayika ova n'uandi**”.

Português: “**Vão ver só o português que vai sair na boca dele**”.

Tudo isto queria simplesmente se traduzir numa como noutra língua em que o “**Senhor falava muito**”.

Conclusão

Independentemente das outras que possam surgir, destacaria inicialmente: O desprezo dos valores linguísticos culturais no meio das novas gerações. Esta conclusão é bem prática na província ou cidade onde trabalho há mais de quarenta (40) anos. Quem

fala a língua materna, o kikongo, por exemplo, é considerado de baixo nível, criando confusão no enquadramento social destes falantes. Com este artigo e outras anotações que já fizemos, queria chamar a atenção deste caso real nesta parte de Angola.

Défice acentuado na aquisição dos outros sistemas linguísticos na falta do conhecimento do funcionamento do sistema materno. Esta é outra realidade pedagógica muito clara. Não conhecendo a estrutura gramatical do funcionamento básico da sua língua materna, torna-se muito difícil aprender a estrutura da língua segunda, o português. Grave empobrecimento do desenvolvimento cultural das novas gerações. Ao desprezar a sua língua materna, dificulta-se a aprendizagem das outras línguas comunicativas. Isto empobrece o acervo linguístico dos jovens desta nova geração.

Ainda eu partiria pelas sugestões porque pessoalmente não sou capaz, nem tenho este poder de recomendar algo aos meus superiores hierárquicos ou governamentais, antes pelo contrário, como um simples técnico linguista, tenho que sugerir para que quem é de direito possa ouvir para daí obter vias necessárias para o melhoramento da vida social.

Assim sendo, sugeria: 1. Que se incentive massivamente o uso das línguas maternas para atos culturais no meio das novas gerações; 2. Que se ensine em grande escala o sistema funcional, pelo menos inicial, do sistema gramatical ou linguístico das línguas bantu e outras; 3. Que se ensaiem novas formas de incutir nos jovens os valores culturais das nossas tradições. Como resultado final gostaria de sensibilizar os ouvintes na preocupação primeiríssima de valorizar os traços culturais no processo de ensino e aprendizagem, em qualquer canto do saber para que os outros valores se assentem nos primeiros.

No âmbito desta investigação científica, a população denota o grupo alvo de estudo, onde é extraída uma parte denominada amostra. Desta feita, o nosso trabalho contou com uma população de 90 estudantes diurnos do 2º Ano e 60 noturnos de ambos os géneros, totalizando 150 estudantes. Desta população de 150 foi extraída, aleatoriamente, uma amostra de 100 estudantes: 60 diurnos e 40 noturnos. Concluindo esta última parte, afirmamos que é importante cultivar nos estudantes/alunos a capacidade de dominar algumas regras gramaticais para evitar as interferências erradas do português para as línguas nacionais e vice versa. A falta do domínio das estruturas funcionais da língua materna pode contribuir negativamente na aprendizagem da língua portuguesa.

REFERÊNCIA

ANÇÃ, Maria Helena, *A didáctica do português cruzando o intercultural*, Aveiro: Editora Escolar, 2003.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. *O conceito de lexicultura e suas implicações*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

FONSECA, Fernanda Irene & FONSECA, Joaquim. *pragmática linguística e ensino do português*, Coimbra: Livraria Almedina, 1977.

GALISSON, Robert. & PUREN, Christian. *Didactique des langues étrangères, la formation em questions*, Paris: Cle International, 1999.

GALISSON, Robert, *De la langue à la culture par les mots*, Paris: Cle International, 1991.

LINO, Maria. Teresa Rijo da Fonseca, “Neologia, Terminologia e novas tecnologias”. *Congresso Internacional sobre o Português. Actas*, vol. II. Org. Inês Duarte e Isabel Leiria, sem titulo, Lisboa: Edições Colibri, pp. 23-32, 1996.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca et alii, “Terminologia, Informática e multimédia” in: *Jornadas Panlatinas de Terminologia*. Barcelona: 1995.

MUDIAMBO, Quibongue, *Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa*, Lisboa: Edições Colibri, 2014.

NETO, Serafim da Silva. *História da Língua Portuguesa*, Lisboa: Edições Caminho, 1979.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023

Para citar este texto (ABNT): MUDIAMBO, Quibongue. Enquadramento social da lexicultura na democratização da gestão escolar e qualidade da educação no Uíge em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.85-97, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Mudiambo, Quibongue (out. 2023). Enquadramento social da lexicultura na democratização da gestão escolar e qualidade da educação no Uíge em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 85-97.